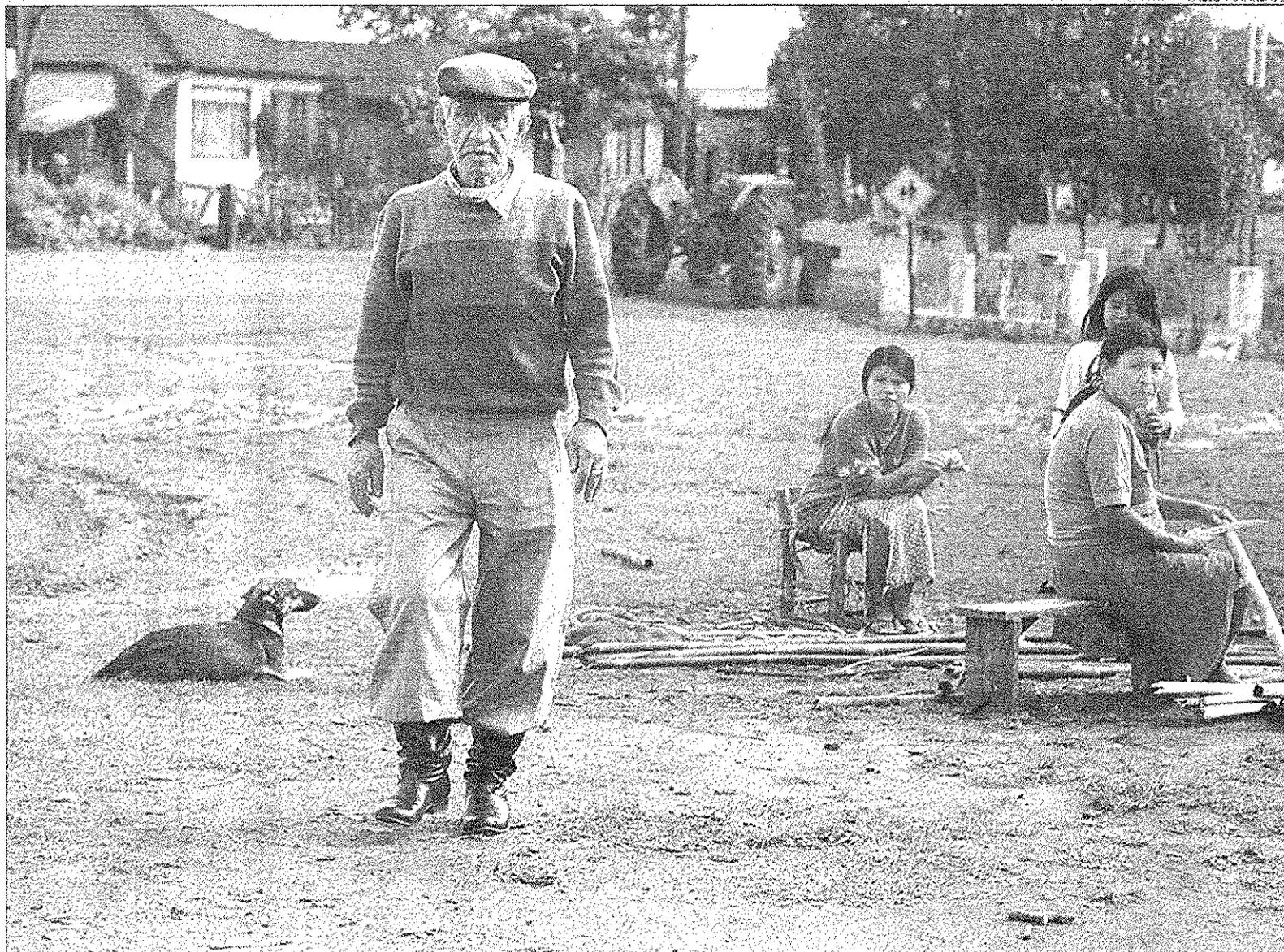


534



Se

PAULO FRANKEN/ZH



O cacique dos brancos: João Américo da Silva ajudou a retirar os índios da região na década de 60 e agora garante que não vai sair

CAINGANGUES E GUARANIS



Os caingangues nunca foram das nações indígenas mais numerosas. Eram cerca de 10 mil há 200 anos. Apesar das guerras que enfrentaram – inclusive contra os índios guaranis, que os chamavam de guaiânás –, os caingangues permaneceram com população estável. Hoje são 13 mil. A nação indígena mais numerosa no Rio Grande do Sul foi a guarani, que praticava a agricultura nas várzeas dos rios Jacuí e Uruguai desde o século 5. Os guaranis chegaram a ser 100 mil no Rio Grande do Sul. Hoje são menos de mil, muitos deles vivendo como nômades, à beira de estradas. Foram submetidos a um holocausto depois da colonização. Tiveram na figura de Sepé Tiaraju, cacique de São Miguel, o líder de sua maior resistência aos brancos.

Sem medo dos índios

João Américo da Silva, 72 anos, é dos poucos na Vila Pedras Brancas, em Ronda Alta, que conclamam abertamente seus vizinhos a não entregarem suas propriedades aos caingangues – a menos que recebam muito dinheiro para isso. Morador da antiga área indígena da Serrinha, não teme a possibilidade de os índios invadirem as terras antes de um acordo ser firmado.

– Nossa relação com eles está boa, mas se os índios sabem fazer guerra, nós também sabemos – afirma Américo, que sempre anda com um revólver engasgado de balas, preso ao coldre, na cintura.

Américo não admite que os 5 mil brancos da Serrinha tenham de sair de uma hora para outra. Uma postura coerente. Como fiscal da Secretaria Estadual da Agricultura, ele foi um dos responsáveis pelo plano de colonização da área, que resultou na saída dos índios da região. Muitos caingangues – como o cacique de Nonoai, Zé Lopes, expulso na década de 60 da região da Serrinha – garantem que Américo prendia e maltratava todos os índios que se recusavam a deixar a reserva.

Américo nega os maus-tratos, mas confirma ter retirado os índios da região, levando-os a Nonoai. E diz que faria tudo de novo.

– Índio não planta, trabalha mal a lavoura. Era muita terra para pouco bugre. Havia apenas umas 30 famílias de caingangues, então loteamos a área para os colonos produzirem – justifica João Américo, convicto.